

# **O decrescimento como condição de uma sociedade convivial**

Serge Latouche

**ano 4 - nº 56 - 2006 - 1679-0316**

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS**

*Reitor*

Marcelo Fernandes de Aquino, SJ

*Vice-reitor*

Aloysio Bohnen, SJ

**Instituto Humanitas Unisinos**

*Diretor*

Inácio Neutzling, SJ

*Diretora adjunta*

Hiliana Reis

*Gerente administrativo*

Jacinto Aloisio Schneider

**Cadernos IHU Idéias**

Ano 4 – Nº 56 – 2006

ISSN: 1679-0316

*Editor*

Prof. Dr. Inácio Neutzling – Unisinos

*Conselho editorial*

Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta – Unisinos

Prof. MS Dáris Corbellini – Unisinos

Prof. MS Gilberto Antônio Faggion – Unisinos

Prof. MS Laurício Neumann – Unisinos

MS Rosa Maria Serra Bavaresco – Unisinos

Esp. Susana Rocca – Unisinos

Profa. MS Vera Regina Schmitz – Unisinos

*Conselho científico*

Prof. Dr. Adriano Naves de Brito – Unisinos – Doutor em Filosofia

Profa. MS Angélica Massuquetti – Unisinos – Mestre em Economia Rural

Prof. Dr. Antônio Flávio Pierucci – USP – Livre-docente em Sociologia

Profa. Dra. Berenice Corsetti – Unisinos – Doutora em Educação

Prof. Dr. Fernando Jacques Althoff – Unisinos – Doutor em Física e Química da Terra

Prof. Dr. Gentil Corazza – UFRGS – Doutor em Economia

Profa. Dra. Hiliana Reis – Unisinos – Doutora em Comunicação

Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel – Unisinos – Doutora em Medicina

Profa. Dra. Suzana Kilpp – Unisinos – Doutora em Comunicação

*Responsável técnico*

Laurício Neumann

*Revisão*

Mardilê Friedrich Fabre

*Secretaria*

Caren Joana Sbabo

*Editoração eletrônica*

Rafael Tarcísio Forneck

*Impressão*

Impressos Portão

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

*Instituto Humanitas Unisinos*

Av. Unisinos, 950, 93022-000 São Leopoldo RS Brasil

Tel.: 51.35908223 – Fax: 51.35908467

**[www.unisinos.br/ihu](http://www.unisinos.br/ihu)**

## O DECRESCIMENTO COMO CONDIÇÃO DE UMA SOCIEDADE CONVIVIAL

*Por Serge Latouche, objetor de crescimento<sup>1</sup>*

*“Pois será uma satisfação perfeitamente positiva comer alimentos saudáveis, ter-se menos barulho, viver num meio ambiente equilibrado, não mais sofrer restrições de circulação, etc.”*

Jacques Ellul<sup>2</sup>

“A casa está pegando fogo...”, não sou eu que o digo, mas o Presidente Jacques Chirac em Johannesburgo. Enquanto, em 1954, Jacques Ellul figurava como um mensageiro do apocalipse, todos nós sabemos hoje que estamos indo direto de encontro ao muro. A lista das catástrofes ecológicas atuais e anunciadas está pronta. Sabemos muito bem disso, mas não o percebemos como real. O *clash* é inimaginável antes de ocorrer. Também sabemos muito bem o que seria preciso fazer: entrar no decrescimento, mas nada fazemos. “Olhamos para outro lado...”, enquanto a casa termina de queimar. Devemos dizer em nossa defesa que os “responsáveis”, tanto políticos quanto econômicos, nos convidam a fazê-lo (Chirac ou Movimento das Empresas Francesas – MEDEF). E enquanto isso, aqueles bombeiros-piromaníacos põem mais lenha/petróleo na fogueira, gritando muito alto que é a única maneira de apagá-lo. E assim continuamos insistindo sempre na mesma coisa.

O patrão da nossa aldeia global, o chefe dos bombeiros-piromaníacos, George W. Bush, declarou em 14 de fevereiro de 2002, em Silver Spring, diante da administração da meteorologia, que, “por ser a chave do progresso ambiental, por fornecer os recursos que permitem investir nas tecnologias limpas, o crescimento é a solução e não o problema”<sup>3</sup>. Esta posição

---

1 N.T.: Trata-se de um trocadilho: “objecteur de croissance e objecteur de conscience”. O termo é normalmente utilizado para “objetor de consciência”, significando os cidadãos que, por motivos éticos ou religiosos, se recusam a participar em guerras, por exemplo.

2 Jacques Ellul, *Le système technicien*, Calamny-Lévy, 1977, p. 342 (p. 317 na reedição de 2004 da Cherche-Midi).

3 *Jornal Le Monde* de 16/02/2002.

“pró-crescimento” é, no fundo, amplamente compartilhada pela esquerda, inclusive pelos “alterglobalistas”, que consideram, além disso, que o crescimento é também a solução para o problema social na medida em que cria empregos e favorece uma distribuição mais eqüitativa.

O anúncio triunfalista da retomada americana feito pelos jornais, os planos (franco-alemão ou europeu de recuperação) repousam nas grandes obras (infra-estrutura de transportes), que não podem senão agravar a situação (climática principalmente). Diante disso, espanta-nos o silêncio ensurdecedor dos socialistas, dos comunistas, dos verdes, da extrema esquerda... Única voz discordante é a de Jean-Marie Harribey, Alain Lipietz e dos líderes da Attac, que propõem uma “desaceleração do crescimento”. Proposta que parte de uma boa intenção, mas infeliz por nos privar tanto dos benefícios do crescimento quanto das vantagens do decrescimento... Como observa Hervé Kempf: “Será que esta esquerda pode aceitar proclamar a necessidade de reduzir o consumo material, um imperativo que permanece no centro da abordagem ecológica?”<sup>4</sup>

Após algumas décadas de desperdício frenético, parece que entramos na zona das tempestades, no sentido próprio e no sentido figurado do termo... A desordem climática vem acompanhada por guerras pelo petróleo que serão seguidas não somente por guerras pela água<sup>5</sup>, mas também por possíveis pandemias e catástrofes biogenéticas previsíveis. Parece mesmo que estamos vivendo a sexta extinção das espécies, mas o que a torna diferente das anteriores é o fato de que o homem é diretamente responsável por ela e poderia muito bem ser sua vítima...

Nestas condições, a sociedade de crescimento não é sustentável nem desejável. É portanto urgente pensar uma sociedade de “decrescimento”, se possível, serena e convivial.

### **1 A sociedade de crescimento não é sustentável nem desejável**

Para compreender o que poderia ser uma sociedade de decrescimento, convém, antes de tudo, definir a sociedade de crescimento. “A idéia moderna de crescimento, segundo Henry Teune, foi formulada há cerca de quatro séculos, na Europa, quando a economia e a sociedade começaram a separar-se”<sup>6</sup>. Porém, acrescenta justamente Takis Fotopoulos, “a própria *economia de crescimento* (definida como o sistema de organização econômica orientado, seja de *forma objetiva*, seja de forma deliberada, para a maximização do crescimento econômico) surgiu bem depois do nascimento da economia de mercado do início

---

4 *Jornal Le Monde* de quinta-feira, 19 de junho de 2003.

5 Vandana Shiva, *La guerre de l'eau*. Parangon, 2003.

6 Henry Teune, *Growth*. Londres, Sage Publications, 1988, p. 13.

do século XIX e só se desenvolveu após a Segunda Guerra Mundial”<sup>7</sup>, ou seja, no momento em que o Ocidente (por intermédio do Presidente Truman...) lançava a palavra de ordem e o empenhimento do desenvolvimento.

A sociedade de crescimento pode, pois, ser definida como uma sociedade dominada por uma economia de crescimento e que tende a deixar-se absorver por esta. O crescimento pelo crescimento torna-se, assim, o objetivo primordial da vida, se não o único. Tal sociedade não é sustentável porque vai de encontro aos limites da biosfera. Se tomarmos como indício do “peso” ambiental de nosso modo de vida “a pegada”<sup>8</sup> ecológica deste na superfície terrestre ou no espaço bioprodutivo necessário, obtemos resultados insustentáveis tanto do ponto de vista da equidade dos direitos de exploração da natureza quanto do ponto de vista da capacidade de regeneração da biosfera<sup>9</sup>. Desde já, o planeta não é suficiente. Ora, precisar-se-ia de três a seis planetas para generalizar o modo de vida ocidental e mais de trinta, no horizonte de 2050, se continuarmos com um índice de crescimento de 2%, e considerando-se o crescimento previsível da população!

Para conciliar os dois imperativos contraditórios do crescimento e do respeito ao meio ambiente e refutar a necessidade de um decrescimento, os especialistas e os industriais elaboraram uma argumentação em quatro pontos:

- 1) a ecoeficiência;
- 2) o imaterial;
- 3) os progressos futuros da ciência;
- 4) a substitutibilidade dos fatores.

Eles pensam sobretudo terem encontrado a poção mágica na *ecoeficiência*, peça central e, na verdade, única base séria do “desenvolvimento sustentável”. Trata-se de reduzir progressivamente o impacto ecológico e a intensidade da coleta dos recur-

7 Takis Fotopoulos. *Vers une démocratie générale*. Paris: Seuil, 2002, p. 31.

8 N. T.: Trata-se de uma ferramenta proposta por Wackernagel & Rees (1996) denominada *Ecological Footprint Method*, termo que pode ser traduzido como “pegada ecológica” e que representa o espaço ecológico correspondente para sustentar um determinado sistema ou unidade. Portanto, por definição, o *Ecological Footprint* é a área de ecossistema necessária para assegurar a sobrevivência de uma determinada população ou sistema. O método representa a apropriação de uma determinada população sobre a capacidade de carga do sistema total (WACKERNAGEL & REES, 1996; CHAMBERS et al., 2000).

9 Se com 1,8 hectares em média, os homens já abandonaram o caminho de um modo de civilização sustentável, que precisaria limitar-se a 1,4 hectares. Admitindo-se que a população atual permaneça estável, estamos muito longe da igualdade planetária. Um cidadão dos Estados Unidos consome em média 9,6 hectares, um canadense 7,2, um europeu médio 4,5. Ver Gianfranco Bologna (sob a direção de), *Italia capace di futuro*. WWF-EMI, Bolonha, 2001, pp. 86-8.

tos naturais para alcançar um nível compatível com a capacidade determinada de carga do planeta<sup>10</sup>.

É incontestável o fato de que a eficiência ecológica tenha aumentado de maneira notável, mas, ao mesmo tempo, a perpetuação do crescimento desenfreado provoca uma degradação global. As reduções de impactos e de poluição por unidade são sistematicamente aniquiladas pela multiplicação do número de unidades vendidas e consumidas (fenômeno que se denominou efeito rebote).

É bem verdade que – e este é o segundo argumento – a “nova economia”, à base de serviços e do virtual, é relativamente *imaterial*. Entretanto, ela substitui menos a antiga do que a completa. Além disso, é mais ávida por *inputs* ou insumos materiais do que parece. Se, por um lado, os *softwares* incorporam sobretudo massa cinzenta, por outro, apenas a fabricação de um computador consome, por exemplo, 1,8 toneladas de materiais, dos quais 240 kg de energia fóssil, e um *chip* de dois gramas precisa de 1,7 kg de energia, sem falar de uma enorme quantidade de água<sup>11</sup>. Enfim, todos os índices demonstram que as coletas continuam aumentando<sup>12</sup>.

O relatório americano da National Science Foundation de 2002, intitulado *Converging technologies for Improving Human performances*, ilustra perfeitamente o terceiro argumento, ou seja, o da solução científica. Ele promete nada menos que o bem-estar material e espiritual universal, a paz mundial, a interação pacífica e mutuamente vantajosa entre os humanos e as máquinas inteligentes, o desaparecimento completo dos obstáculos à comunicação generalizada – principalmente aqueles resultantes da diversidade das línguas – o acesso a fontes de energia inesgotáveis, o fim das preocupações ligadas à degradação do meio ambiente. E finalmente, “a marcha para um grau superior de compaixão e de realização”. E tudo isso graças à conexão entre as nanotecnologias, as biotecnologias, as tecnologias da informação e as ciências cognitivas<sup>13</sup>.

No jornal *Le Monde* de 03.09.96, Yves Coppens, professor do Collège de France, exclamava:

*Devemos parar de pintar um futuro negro! O futuro é esplêndido. A geração por vir vai aprender a decifrar seu código gené-*

---

10 The Business case for sustainable development. Documento do World Business Council for Sustainable Development para Johannesburgo.

11 Ver relatório para a ONU, *Ordinateur et environnement* [Computador e Meio Ambiente], Kluwer Academics, 2004. citado por Alain Gras, *La décroissance*, n. 2, maio 2004.

12 Mauro Bonaiuti, *Nicholas Georgescu-Roegen. Bioeconomia. Verso un'altra economia ecologicamente e socialmente sostenibile*. Torino: Bollati Boringhieri, 2003. Em particular, p. 38-40.

13 Jean Pierre Dupuy, *Quand les technologies convergeront*, *Revista do MAUSS* n. 23, primeiro semestre de 2004.

*tico, aumentar a eficácia de seu sistema nervoso, fazer os filhos de seus sonhos, dominar a tectônica das placas, programar os climas, passear nas estrelas e colonizar as planetas que ela bem entender. Vai aprender a mover a terra para colocá-la na órbita de um Sol mais jovem. (...) Vai conduzir, não duvidemos disso, a humanidade a uma melhor reflexão, a uma liberdade ainda maior e a uma maior consciência das responsabilidades que acompanham tal liberdade.*

Não é de se espantar que Jacques Chirac tenha confiado a presidência da comissão sobre o desenvolvimento sustentável e o meio ambiente a esse cientista...

Ter uma fé cega na ciência e no futuro para resolver os problemas do presente é contrário não só ao princípio de precaução, mas também simplesmente ao bom senso. Mesmo que se possa esperar captar novas energias, será que seria razoável construir “arranha-céus sem escadas nem elevadores, com base apenas na esperança de um dia vencer a lei da gravidade?”<sup>14</sup>. É, no entanto, o que fazemos com o nuclear, acumulando-se resíduos potencialmente perigosos para os séculos futuros sem perspectiva de solução.

Enfim, é preciso toda a fé dos economistas ortodoxos para pensar que a substitutibilidade ilimitada da natureza pelo artifício seja concebível. Dentro de certos limites, é lícito substituir o homem pela máquina (ou seja, o fator trabalho pelo fator capital), mas não os fluxos de matérias-primas (*inputs*) por um aumento dos estoques. Como observa Mauro Bonaiuti, jamais se poderá obter o mesmo número de pizzas diminuindo a quantidade de farinha e aumentando o número de fornos ou de cozinheiros.

A sociedade de crescimento, por sua vez, também não é desejável por pelo menos três razões: ela causa um aumento das desigualdades e das injustiças, cria um bem-estar muito ilusório, não proporciona nem mesmo para os “abastados” uma sociedade convivial e sim uma anti-sociedade doente por causa de sua riqueza.

O primeiro ponto é abundantemente ilustrado pelos famosos relatórios do PNUD. Além disso, segunda razão, a elevação do nível de vida com a qual a maioria dos cidadãos do Norte pensa beneficiar-se é uma ilusão. Eles gastam certamente mais compra de bens e serviços mercantis, mas esquecem de deduzir a elevação superior dos custos. Esta toma diferentes formas mercantis e não-mercantis: degradação da qualidade de vida não qualificada mas sofrida (ar, água, meio ambiente), despesas de “compensação” e de reparação (medicamentos, transportes, lazer) que a vida moderna torna necessárias, elevação dos preços dos gêneros escassos (água engarrafada, energia, espaços verdes...). Jacques Ellul já observava:

---

14 Bonaiuti Mauro. *La nuova economia di Nicholas Georgescu-Roegen*. Roma: Carocci, 2001, p. 109 e 141.

*Considera-se toda atividade remunerada um valor agregado, gerador de bem-estar, ao passo que o investimento na indústria antipoluição em nada aumenta o bem-estar, permite, no máximo, conservá-lo. Sem dúvida, às vezes ocorre que o acréscimo de valor a deduzir é superior ao acréscimo de valor agregado<sup>15</sup>.*

Herman Daly estabeleceu um índice sintético, o *Genuine Progress Indicator* (Indicador de Progresso Autêntico) que corrige o Gross National Product (Produto Interno Bruto) das perdas causadas pela poluição e pela degradação do meio ambiente. A partir dos anos 1970, no caso dos Estados Unidos, o índice do Progresso Autêntico estagna e até mesmo regride, enquanto o do Produto Interno Bruto não cessa de aumentar<sup>16</sup>. É lamentável que, na França, ainda ninguém tenha feito esses cálculos. Temos todas as razões para pensar que o resultado seria comparável. É, aliás, corroborado por toda uma série de outros indicadores “alternativos”: Índice de Saúde Social, Produto Verde, Produto Interno Bruto dos quebequenses etc<sup>17</sup>. Pode-se dizer que, nessas condições, o crescimento é um mito mesmo no imaginário da economia de bem-estar, para não dizer da sociedade de consumo!

Enfim, observando-se atentamente, a *riqueza* tem um caráter bem mais patológico que a pobreza. A riqueza extrema constitui o flagelo principal da sociedade moderna. Em vez de aumentá-la ainda mais sob a alegação de remediar a pobreza, seria preciso atacá-la como uma doença perigosa mascarada pelo imaginário instituído do crescimento. Jean Baptiste Say enunciou a lei de que a felicidade é proporcional ao volume do consumo. Trata-se da impostura economicista e modernista por excelência. Durkheim já denunciava esse pressuposto utilitarista da felicidade como soma de prazeres ligados ao consumo egoísta. Para ele, tal felicidade não está longe de levar à anomia e ao suicídio<sup>18</sup>. Majid Rahnema observa com pertinência:

*A miséria moral dos ricos e poderosos – assunto-tabu na literatura especializada sobre a pobreza – curiosamente chamou mais a atenção dos romancistas, poetas e, é claro, dos próprios pobres que a dos sociólogos e economistas que a consideram fora de discussão. O estudo profundo das verdadeiras causas da miséria poderia, no entanto, mostrar que ela está exatamente no centro – se não for o centro – do assunto.*

15 Jacques Ellul. *Le Bluff technologique*, Paris: Hachette, 1998, p. 81.

16 C. Cobb, T. Halstead, J. Rowe. *The Genuine Progress Indicator : Summary of Data and methodology, Redefining Progress*. San Francisco, 1995 e dos mesmos autores, *If the GDP is Up, Why is America Down ?* In: *Athlantic Monthly*, n. 276, out. 1995.

17 Relatório de Jean Gadrey e F. Jany-Catrice sobre os indicadores alternativos de desenvolvimento. ([www.travail.gouv.fr/études](http://www.travail.gouv.fr/études))

18 Durkheim. *Le suicide*. Puf, 1967. Ver também Christian Laval. *L'ambition sociologique*. La découverte MAUSS, Paris 2002, p. 255 e seguintes.

Ele continua:

*A miséria moral dos abastados, “vestida” com seus mais belos ornamentos e, portanto, bem menos visível do exterior, é paradoxalmente mais perniciosa que aquela que afeta os indigentes: à obsessão propriamente patológica do mais-ter, ao desejo incessante de acumular para si e de retirar dos outros pelo simples prazer de exercer sobre eles um poder acrescentam-se fatores externos, tais como os muitos critérios de êxito social, a impiedosa dinâmica da competição, a regra de ouro do lucro a qualquer preço ou a mercantilização de todas as relações humanas<sup>19</sup>.*

É a miséria psíquica e espiritual dos saciados que produz no outro extremo da cadeia a miséria material dos excluídos, pois, numa sociedade que pensa que a vida é um combate e a morte, um fracasso, o remédio para a depressão psíquica é a excitação cujo exemplo é fornecido pela especulação da bolsa de valores. Essa dupla miséria é exacerbada pela publicidade, que é um meio de deixá-lo descontente com o que temos para fazer com que desejemos aquilo que não temos.

Sendo assim, e se seguirmos a lição de Ivan Illich, o desaparecimento programado da sociedade de crescimento não é necessariamente uma má notícia.

*A boa notícia é que não é primeiramente para evitar os efeitos colaterais negativos de uma coisa que seria boa em si que devemos renunciar a nosso modo de vida – como se tivéssemos que arbitrar entre o prazer de uma iguaria deliciosa e os riscos aferentes. Não, o fato é que a iguaria é intrinsecamente ruim, e nós seríamos muito mais felizes se nos afastássemos dela. Viver de outro modo para melhor viver<sup>20</sup>.*

Infelizmente, nada disso basta para deixarmos o veículo em alta velocidade, levando-nos direto de encontro ao muro e fazer-nos tomar a direção oposta.

## **2 Organizar uma sociedade de “decrecimento” serena e convivial**

O projeto de uma sociedade autônoma e econômica não nasceu ontem, formou-se ao longo da crítica da técnica e do desenvolvimento. Há mais de quarenta anos, temos analisado e denunciado os malefícios do desenvolvimento, sobretudo no sentido do empreendimento do Norte na direção do Sul<sup>21</sup>. Esta

19 Majid Rahnema. *Quand la misère chasse la pauvreté*. Paris: Fayard/Actes Sud, 2003, p. 231.

20 Jean-Pierre Dupuy, Ivan Illich ou la bonne nouvelle, *Jornal Le Monde* de 27/12/2002.

21 Este “nós” remete à pequena “internationale” anti ou pós-desenvolvimentista, na filiação d’Ivan Illich, Jacques Ellul e François Partant, que publicou *The development dictionary*. Zed Books, Londres 1992. Tradução francesa a ser publicada por Paragon sob o título *Dictionnaire des mots toxiques* [Dicionário das palavras tóxicas].

crítica conduzia à *alternativa histórica*, ou seja, à auto-organização das sociedades/economias vernáculas. Certamente, interessava-se também pelas iniciativas alternativas no Norte, do tipo SEL, REPAS (Rede Comercial de Práticas Alternativas e Solidárias), etc., mas não por uma “alternativa” societal. O sucesso repentino e muito relativo de nossa crítica, durante muito tempo pregada no deserto, principalmente devido à crise do meio ambiente, mas também à emergência da globalização, nos conduz a aprofundar suas implicações na economia e na sociedade do Norte. Na verdade, a farsa do desenvolvimento sustentável diz respeito tanto ao Norte quanto ao Sul, e o perigo do crescimento é hoje planetário.

Compreendamo-nos bem. O decrescimento da “pegada” ecológica no Norte (e portanto do PIB) é uma necessidade; não é inicialmente um ideal, tampouco o único objetivo de uma sociedade do pós-desenvolvimento e de um outro mundo possível. Mas façamos da necessidade uma virtude e concebamos o decrescimento como um objetivo do qual podemos tirar vantagens<sup>22</sup>. Numa primeira abordagem, podemos conceber uma política de decrescimento como tendo por objetivo derrubar a relação entre a produção do bem-estar e o PIB. Trata-se de desvincular ou desligar a melhoria da situação das pessoas da elevação estatística da produção material, ou seja, fazer decrescer o “bem-ter” estatístico para melhorar o bem-estar vivido. A palavra de ordem “decrescimento” tem, assim, como principal objeto, marcar fortemente o abandono do objetivo insensato do crescimento pelo crescimento, objetivo cujo motor não é outro senão a busca desenfreada do lucro pelos detentores do capital. É claro que não se visa à inversão caricatural que consistiria em pregar o decrescimento pelo decrescimento. Em particular, o decrescimento não é o crescimento negativo, expressão antinômica e absurda que traduz bem a dominação do imaginário do crescimento<sup>23</sup>. Sabe-se que a simples desaceleração do crescimento mergulha nossas sociedades no desespero, devido ao desemprego e ao abandono dos programas sociais, culturais e ambientais que asseguram um mínimo de qualidade de vida. Pode-

---

22 No que diz respeito às sociedades do Sul, tal objetivo não se encontra realmente na ordem do dia nos mesmos termos, no sentido de que, mesmo que elas sejam atravessadas pela ideologia do crescimento, a maioria delas não são “sociedades de crescimento”.

23 Isso significaria ao pé da letra: “avançar recuando”. A impossibilidade de traduzir “decrescimento” para o inglês é muito reveladora dessa dominação mental do economismo e, de certo modo, simétrica à impossibilidade de traduzir crescimento ou desenvolvimento nas línguas africanas (mas também, naturalmente, decrescimento...) O termo empregado por Nicholas Georgescu-Roegen, *declining*, não traduz verdadeiramente o que entendemos por decrescimento, assim como também não *decrease*, proposto por alguns. Os neologismos *un-growth*, *degrowth*, *développement* também não são satisfatórios.

mos imaginar que catástrofe seria um índice de crescimento negativo! Assim como não há nada pior que uma sociedade trabalhista sem trabalho, não há nada pior que uma sociedade de crescimento sem crescimento. É o que condena a esquerda institucional, por não ousar descolonizar o imaginário, ao social-liberalismo. O decrescimento, portanto, só é possível numa “sociedade de decrescimento”. O projeto de construção, tanto no Norte quanto no Sul, de sociedades convivias autônomas e econômicas implica, para falar com maior rigor, mais um “a-crescimento”, como se fala de a-teísmo, que um decrescimento. Aliás, é justamente do abandono de uma fé e de uma religião que se trata: a religião da economia. No Sul, o decrescimento da “pegada” ecológica (ou mesmo do PIB) não é necessário nem desejável, mas daí não se poderia concluir a necessidade de construir uma sociedade de crescimento ou de não sair dela se já se entrou nela. Convém então determinar os contornos daquilo que poderia ser uma sociedade de “não-crescimento”. Esta supõe uma diminuição drástica das externalidades negativas do crescimento e repousa na organização de círculos virtuosos de decrescimento.

Uma política de decrescimento poderia consistir sobretudo em reduzir, ou até mesmo em suprimir, as externalidades negativas do crescimento, que vão desde os acidentes de trânsito até as despesas com medicamentos contra o estresse. O questionamento do volume considerável dos deslocamentos de homens e mercadorias no Planeta com seu impacto negativo correspondente sobre o meio ambiente (portanto, uma “relocalização” da economia), o questionamento não menos considerável da publicidade barulhenta e muitas vezes nefasta, aquele, enfim, da obsolescência acelerada dos produtos e dos aparelhos descartáveis sem outra justificção além daquela de fazer girar cada vez mais rápido a megamáquina infernal constituem reservas importantes de *decrescimento* no consumo material.

Pensemos que o orçamento mundial da publicidade, apenas ultrapassado por aquele das despesas militares, representa mais de 500 bilhões de dólares de poluição visual, auditiva, material e sobretudo mental...

Além disso, internalizando os custos externos do transporte (infra-estrutura, poluição do tipo efeito estufa e desordem climática), um grande número de atividades seriam relocalizadas. Com certeza, o famoso potinho de iogurte de morangos deixaria de incorporar 9000 km!<sup>24</sup>

---

24 Segundo a tese de Stéphanie Böge, publicada em 1993 pelo Wuppertal Institut, um pote de iogurte de morangos de 125 gramas, vendido em Stuttgart, em 1992, percorreu 9115 km, se considerarmos o percurso do leite, o dos morangos cultivados na Polônia, o do alumínio para a etiqueta, a distância na distribuição etc. (Ver *Silence*, n. 167, jul. 1993).

Quanto aos resíduos nos quais o crescimento ameaça pura e simplesmente nos submergir, é urgente fazê-los diminuir. Aumentou-se a produção de resíduos de maneira exponencial, na verdade, sem ligação direta com a geração do bem-estar. Nos anos 70, produziam-se dez milhões de toneladas de resíduos por ano na França, em 2000, 28 milhões! Enquanto não nos orientarmos para uma redução da produção de resíduos, não haverá solução. Considerando-se o custo e a poluição residual gerados pela eliminação e pela reciclagem, o problema é insolúvel se não mudarem os parâmetros. A triagem do desperdício, evocada pelos responsáveis, é uma solução muito limitada, quando não um embuste<sup>25</sup>. Apenas os resultados da maior parte das reduções de nossas coletas na biosfera não podem, portanto, proporcionar senão um melhor estar.

Podemos sintetizar tudo isso num programa em oito “R”: Reavaliar, Reconceitualizar, Reestruturar, Relocalizar, Redistribuir, Reduzir, Reutilizar, Reciclar. Estes oito objetivos interdependentes são capazes de desencadear um círculo virtuoso de decrescimento sereno, convivial e sustentável<sup>26</sup>.

Reavaliar significa rever os valores nos quais acreditamos, sobre os quais organizamos nossa vida, e mudar aqueles que devem ser mudados. Veremos logo quais são os valores que devem ser privilegiados e que deveriam sobrepujar os valores dominantes atuais. O altruísmo deveria passar à frente do egoísmo, a cooperação, à frente da competição desenfreada, o prazer do lazer e o etos da ludicidade, à frente da obsessão pelo trabalho, a importância da vida social, à frente do consumo ilimitado, o local, à frente do global, a autonomia, à frente da heteronomia, o gosto pela bela obra, à frente da eficiência produtivista, o razoável, à frente do racional etc. O problema é que os valores atuais são sistêmicos. Isso significa que eles são suscitados e estimulados pelo sistema e, em contrapartida, contribuem para reforçá-lo. Certamente a escolha de uma ética pessoal diferente, como a simplicidade voluntária, pode mudar o rumo da tendência e não deve ser negligenciada. Deve até mesmo ser estimulada na medida em que contribui para minar as bases imaginárias do sistema, porém, sem uma crítica radical deste, a Reavaliação corre o risco de ser limitada. Tratar-se-ia de reatar de certo modo com a abundância perdida das sociedades primitivas, em relação às quais, depois de Salhins e muitos outros, Baudrillard nos

---

25 Ver Pierre-Emmanuel Neurohr, diretor do Centro de Informação sobre Resíduos. *Sortir du tout-jetable*. *Jornal Libération* 10/11 jan. 2004.

26 Poder-se-ia estender a lista dos “R” com: radicalizar, reconverter, redefinir, re-dimensionar, remodelar, repensar etc. Mas todos estes “erres” estão mais ou menos incluídos nos oito primeiros.

lembra que “a riqueza não está fundada nos bens, mas na troca concreta entre as pessoas” e “é portanto ilimitada”<sup>27</sup>.

Reconceitualizar/ Reenquadrar:

*Reenquadrar, segundo Paul Walzlawick, John Wealand e Richard Fisch, significa modificar o contexto conceitual e/ou emocional de uma situação ou o ponto de vista segundo o qual ela é vivida, colocando-a num outro quadro que corresponda igualmente, ou até melhor, aos “fatos” dessa situação concreta, cujo sentido, por conseguinte, muda completamente*<sup>28</sup>.

Reconceitualizar ou redefinir/redimensionar impõe-se, por exemplo, para os conceitos de riqueza e de pobreza<sup>29</sup>, mas também para o par infernal fundador do imaginário econômico: escassez/abundância, que urge definir. Como bem mostraram Ivan Illich e Jean-Pierre Dupuy, a economia transforma a abundância natural em escassez por meio da criação artificial da falta e da necessidade, através da apropriação da natureza e de sua comercialização. Os OGMs são a última ilustração do fenômeno da desapropriação, sofrida pelos agricultores, da fecundidade natural das plantas em proveito das firmas agroalimentares.

Reestruturar significa adaptar o aparelho de produção e as relações sociais em função da mudança dos valores. Tal reestruturação será ainda mais radical porque de o caráter sistêmico dos valores foi abalado. É a orientação para uma sociedade de decrescimento que está em questão aqui. Isso pode implicar a

27 La société de consommation, Paris, Denoël, 1970, P 92. É claro que reavaliar também traz o problema da transmissão entre gerações. O mundo que legamos a nossos filhos e pelo qual são “fabricados” é um mundo assolado pela violência, pelas guerras, por uma competição econômica sem piedade, enfim, é um mundo profundamente “despedaçado”. A maior parte de nossos contemporâneos estão eles próprios despedaçados. Como poderiam eles “fabricar” filhos sádios e “normais”. Aristóteles dizia que os próprios muros da cidade contribuem para formar o cidadão, mas será que os muros de nossos subúrbios tristes, cobertos de publicidades, podem formar outra coisa além de, na melhor das hipóteses, consumidores e usuários frustrados e, na pior, “selvagens” rebeldes? Como é que a ética da guerra econômica a qualquer preço pode coexistir com a ética da solidariedade, da gratuidade e da doação que deveria mover um mundo fraterno e com o rigor cidadão e a igualdade implicados pelo Estado democrático? Como, por exemplo, vamos criar nossos filhos e “fabricar” os futuros agentes da sociedade do amanhã? Qual destas morais nós veremos, ouviremos e plebiscitaremos pelo “audimat” na televisão ou nas ondas?

28 Paul Walzlawick, John Weakland e Richard Fisch. *Changements. Paradoxes et psychothérapie*. Paris: Le Seuil, 1975, p. 116-7.

29 Ver Patrick Viveret. *Reconsidérer la richesse*. L'aube/nord, 2003. Rahnema Majid. *Quand la misère chasse la pauvreté*. Fayard Actes Sud. Arnaud Berthoud. La richesse et ses deux types, *Revista do MAUSS*, n. 21, 1º semestre de 2003.

reconversão das indústrias automobilísticas para fabricar aparelhos de recuperação de energia por co-geração etc<sup>30</sup>.

Relocalizar significa, é claro, produzir no local essencialmente os produtos destinados à satisfação das necessidades da população, com empresas locais financiadas pela poupança coletada localmente. Não seria preciso adotar o “princípio de subsidiaridade do trabalho e da produção” formulado por Yvonne e Michel Lefebvre, ou seja, o princípio da prioridade na escala descentralizada<sup>31</sup>? “Tudo o que se possa produzir na escala local para necessidades locais deve ser produzido localmente. Isso resultará em que: toda decisão econômica que possa ser tomada na escala local deva ser tomada localmente”. Tal princípio repousa no bom senso e não na racionalidade econômica.

*De que adianta ganhar alguns francos sobre um objeto, explicam os autores, quando é preciso contribuir com vários milhões de francos, por meio de encargos diversos, para a sobrevivência de uma fração da população que não pode mais participar justamente da produção do objeto.*

Se as idéias devem ignorar as fronteiras, os movimentos de mercadorias e de capitais devem ser reduzidos ao indispensável. Internalizando os custos externos do transporte (infra-estrutura, poluição, gerando efeito estufa e desordem climática), um grande número de atividades seriam realocadas.

Por redistribuir entende-se a divisão das riquezas e do acesso ao patrimônio natural tanto entre o Norte e o Sul quanto dentro de cada sociedade.

Reduzir quer dizer reduzir sobretudo os horários de trabalho, mas também diminuir o impacto sobre a biosfera, causado por nossos modos de produzir e consumir. Já em 1981, Jacques Ellul estabelecia como objetivo “a redução drástica do tempo de trabalho”. 35 horas? Não, “está completamente obsoleto”. A meta a ser alcançada: duas horas por dia. Ellul inspira-se aqui, nos diz Jean-Luc Porquet, em duas obras: a famosa *Deux heures par jour*, cujo autor é Adret, e *La Révolution des temps choisis*. Certamente, reconhece ele, isso não é nada fácil nem sem riscos:

*Sei muito bem o que se pode objetar: o tédio, o vazio, o desenvolvimento do individualismo, o desmantelamento das comunidades naturais, o enfraquecimento, a regressão*

30 Para construir um microgerador, na verdade, basta um motor de automóvel com um alternador instalado num cofre metálico. As competências, as tecnologias e até mesmo as instalações necessárias são praticamente idênticas. Ora, a co-geração difusa permite passar de um rendimento energético de aproximadamente 40% para 94%! Permite economizar assim tanto o consumo de energia fóssil quanto a emissão de CO<sub>2</sub>. (Ver Pallante Maurizio. *Un futuro senza luce?* Roma: Riuniti, 2004.)

31 Yvonne Mignot-Lefebvre e Michel Lefebvre. *Les patrimoines du futur. Les sociétés aux prises avec la mondialisation*. Paris: L'Harmattan, 1995, p. 235.

*econômica ou, enfim, a recuperação do tempo livre pela sociedade mercantil e pela indústria do lazer que fará do tempo uma nova mercadoria.*

Mas, se, por um lado, ele imagina facilmente “aqueles que viverão colados à tela da TV, aqueles que passarão a vida no bar”, etc., por outro, ele diz estar convencido de que assim

*seremos obrigados a fazer perguntas fundamentais: perguntas sobre o sentido da vida e sobre uma nova cultura, sobre uma nova organização que não seja nem restrigente nem anárquica, a abertura de um campo de uma nova criatividade... Não estou sonhando. Isso é possível. (...) O homem precisa interessar-se por algo, e é por falta de interesse que hoje estamos morrendo.*

Com tempo livre e possibilidades múltiplas de expressão, “este homem ‘em geral’ encontrará sua forma de expressão e a concretização de seus desejos. Talvez não seja belo, talvez não seja educado nem eficaz; será Ele. Aquilo que perdemos”<sup>32</sup>.

Além disso, como diz Hubert Reeves,

*não se trata de voltar à Idade da Pedra e de iluminar-se à luz de vela. Considera-se que a força energética necessária para uma vida humana “adequada” (calor, higiene, transporte, produtos manufaturados) equivale àquela gasta por um modesto aquecedor ligado permanentemente (ou seja 1 kilowatt). Hoje a América do Norte (Canadá e Estados Unidos) gasta doze vezes mais que isso, e a Europa do oeste, cinco vezes mais, enquanto um terço da humanidade está bem abaixo desta norma. É este sobreconsumo que seria necessário reduzir para aliviar as restrições energéticas que pesarão mais sobre nosso futuro e para alcançar uma partilha mais igual do bem-estar mundial<sup>33</sup>.*

Para isso, seria preciso, na medida do possível, reutilizar os aparelhos e os bens de consumo, em vez de jogá-los fora, e evidentemente reciclar os resíduos de nossa atividade que não podem ser submetidos à compressão<sup>34</sup>.

Esta marcha para uma sociedade de *decrecimento* deveria ser organizada não apenas para preservar o meio ambiente, mas também, e talvez sobretudo, para restaurar o mínimo de justiça social sem o qual o Planeta é condenado à explosão.

32 Ellul. *Changer de révolution*. p. 251-3, citado por Jean-Luc Porquet. In: *J. Ellul L'homme qui avait (presque) tout prévu*. Ed. Le cherche Midi, 2003 p. 212-3.

33 Hubert Reeves. *Mal de terre*. Seuil, 2003, p. 68-9.

34 Assim, pode-se estimar em mais de 10 000 árvores por ano o desperdício poupado na França pelos papéis e papelões que os companheiros de Emmaüs se empenham em recolher, triar, acondicionar. Sem isso, tudo apodreceria ou queimaria, e poluiria. (Fabrice Liegard. *Travail et économie dans les communautés d'Emmaüs*. Relatório para o Ministério da Cultura, Paris, 2003).

Sem dúvida alguma, para aplicar estas políticas de *decrescimento*, é preciso antes, tanto no Sul quanto no Norte, um verdadeiro tratamento coletivo de desintoxicação. O crescimento, na verdade, foi um vírus perverso e uma droga ao mesmo tempo. Como escreve ainda Majid Rahnema: “Para se infiltrar nos espaços vernáculos, o primeiro *homo economicus* adotara dois métodos: um deles é a ação do retrovírus HIV e o outro, os meios empregados pelos traficantes de drogas”<sup>35</sup>. Trata-se da destruição das defesas imunitárias e da criação de novas necessidades. A ruptura das cadeias da droga será ainda mais difícil por ser do interesse dos traficantes (no caso, a nebulosa das firmas transnacionais) manter-nos na escravidão e porque os drogados preferem sustentar seus *dealers* a sustentar os médicos. Todavia, há todas as chances para que sejamos levados a isso pelo choque salutar da necessidade (e, por exemplo, a alta da cotação do petróleo).

Com o decrescimento, não se trata de voltar ao desenvolvimento (redesenvolvimento), tampouco entrar em subdesenvolvimento ou em des-desenvolvimento, mas simplesmente sair do desenvolvimento.

---

35 Majid Rahnema. *Ibid.*, p. 214.

## TEMAS DOS CADERNOS IHU IDÉIAS

- N. 01 *A teoria da justiça de John Rawls* – Dr. José Nedel.
- N. 02 *O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas* – Dra. Edla Eggert.  
*O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo* – MS Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss.
- N. 03 *O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo* – Jornalista Sonia Montão.
- N. 04 *Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular* – Prof. Dr. Luiz Gilberto Kronbauer.
- N. 05 *O ruído de guerra e o silêncio de Deus* – Dr. Manfred Zeuch.
- N. 06 *BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo* – Prof. Dr. Renato Janine Ribeiro.
- N. 07 *Mundos televisivos e sentidos identitários na TV* – Profa. Dra. Suzana Kilpp.
- N. 08 *Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho* – Profa. Dra. Márcia Lopes Duarte.
- N. 09 *Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada* – Prof. Dr. Valério Cruz Brittos.
- N. 10 *Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo* – Prof. Dr. Édison Luis Gastaldo.
- N. 11 *Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz* – Profa. Dra. Márcia Tiburi.
- N. 12 *A domesticação do exótico* – Profa. Dra. Paula Caleffi.
- N. 13 *Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular* – Profa. Dra. Edla Eggert.
- N. 14 *Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS* – Prof. Dr. Gunter Axt.
- N. 15 *Medicina social: um instrumento para denúncia* – Profa. Dra. Stela Nazareth Meneghel.
- N. 16 *Mudanças de significado da tatuagem contemporânea* – Profa. Dra. Débora Krischke Leitão.
- N. 17 *As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade* – Prof. Dr. Mário Maestri.
- N. 18 *Um itinerário do pensamento de Edgar Morin* – Profa. Dra. Maria da Conceição de Almeida.
- N. 19 *Os donos do Poder, de Raymundo Faoro* – Profa. Dra. Helga Iracema Ladgraf Piccolo.
- N. 20 *Sobre técnica e humanismo* – Prof. Dr. Oswaldo Giacóia Junior.
- N. 21 *Construindo novos caminhos para a intervenção societária* – Profa. Dra. Lucilda Selli.
- N. 22 *Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial* – Prof. Dr. Paulo Henrique Dionísio.
- N. 23 *Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático* – Prof. Dr. Valério Rodhen.
- N. 24 *Imagens da exclusão no cinema nacional* – Profa. Dra. Miriam Rossini.
- N. 25 *A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação* – Profa. Dra. Nisia Martins do Rosário.
- N. 26 *O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS* – MS. Rosa Maria Serra Bavaresco.
- N. 27 *O modo de objetivação jornalística* – Profa. Dra. Beatriz Alcaraz Marocco.
- N. 28 *A cidade afetada pela cultura digital* – Prof. Dr. Paulo Edison Belo Reyes.
- N. 29 *Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde* – Porto Alegre, RS – Prof<sup>o</sup> MS. José Fernando Dresch Kronbauer.

- N. 30 *Getúlio, romance ou biografia?* – Prof. Dr. Juremir Machado da Silva.
- N. 31 *A crise e o êxodo da sociedade salarial* – Prof. Dr. André Gorz.
- N. 32 *À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay - Seus dilemas e possibilidades* – Prof. Dr. André Sidnei Muszkopf.
- N. 33 *O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações* – Prof. MS Marcelo Pizarro Noronha.
- N. 34 *O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos* – Prof. Dr. Marco Aurélio Santana.
- N. 35 *Adam Smith: filósofo e economista* – Profa. Dra. Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos.
- N. 36 *Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica* – Prof. Dr. Airton Luiz Jungblut.
- N. 37 *As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes* – Prof. Dr. Fernando Ferrari Filho.
- N. 38 *Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial* – Prof. Dr. Luiz Mott.
- N. 39 *Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo* – Prof. Dr. Gentil Corazza
- N. 40 *Corpo e Agenda na Revista Feminina* – MS Adriana Braga
- N. 41 *A (anti)filosofia de Karl Marx* – Profa. Dra. Leda Maria Paulani
- N. 42 *Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa”* – Prof. Dr. Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 *Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica* – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva & Samuel McGinity
- N. 44 *Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistêmica de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiou
- N. 45 *A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica* – Prof. Dr. Lothar Schäfer
- N. 46 *“Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju* – Profa. Dra. Ceres Karam Brum
- N. 47 *O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter* – Prof. Dr. Achyles Barcelos da Costa
- N. 48 *Religião e elo social. O caso do cristianismo* – Prof. Dr. Gérard Donnadiou.
- N. 49 *Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo* – Prof. Dr. Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 *Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras* – Prof. Dr. Evilázio Teixeira
- N. 51 *Violências: O olhar da saúde coletiva* – Éliada Azevedo Hennington & Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 *Ética e emoções morais* – Prof. Dr. Thomas Kesselring;  
*Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral?* – Prof. Dr. Adriano Naves de Brito
- N. 53 *Computação Quântica. Desafios para o Século XXI* – Prof. Dr. Fernando Haas
- N. 54 *Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil* – Profa. Dra. An Vranckx
- N. 55 *Terra habitável: o grande desafio para a humanidade* – Prof. Dr. Gilberto Dupas

*Cadernos IHU Idéias*: Apresenta artigos produzidos pelos convidados-palestrantes dos eventos promovidos pelo IHU. A diversidade dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é um dado a ser destacado nesta publicação, além de seu caráter científico e de agradável leitura.



**Serge Latouche** (1940), defensor do decrescimento, é economista, sociólogo, antropólogo, professor de Ciências Econômicas na Universidade de Paris-Sul e presidente da Associação Linha do Horizonte. É doutor em Filosofia (Université de Lille III, 1975) e em Ciências Econômicas (Université de Paris, 1966), diplomado em Estudos Superiores em Ciências Políticas (Université de Paris, 1963) e diretor de pesquisas (3ème à Paris I – I.E.D.E.S.).

#### **Algumas publicações do autor**

*La pensée créative contre l'économie de l'absurde*. Paris: Parangon, 2003.

*Justice sans limites – Le défi de l'éthique dans une économie mondialisée* (Justiça sem limites. O desafio da ética numa economia globalizada), Paris: Fayard, 2003.

*La pensée créative contre l'économie de l'absurde* (O pensamento criativo contra a economia do absurdo), Paris: Parangon, 2003.

*La déraison de la raison économique*. Paris: Albin Michel, 2001.

*Les Dangers du marché planétaire* (Os perigos do mercado planetário). Paris: Editora Presses de Sciences, 1998.

*A Ocidentalização do Mundo*. Petrópolis: Vozes, 1994.